

COLÉGIO PEDRO II

Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e educação
básica

Manuela Alves Inocêncio

A VISIBILIDADE TRANSGÊNERO NA PRÁTICA ESCOLAR

Pensando o mês da visibilidade trans como um projeto
pedagógico

Rio de Janeiro
2022



Manuela Alves Inocência

A VISIBILIDADE TRANSGÊNERO NA PRÁTICA ESCOLAR

Pensando o mês da visibilidade trans como um projeto pedagógico

Produto Educacional apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências Sociais e Educação Básica, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de Ciências Sociais e educação básica

Orientador (a) Professor (a) Raquel Simas, ,
/M.^a em Antropologia pela Universidade Federal Fluminense.

Rio de Janeiro
2022

COLÉGIO PEDRO II
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA
BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER
CATALOGAÇÃO NA FONTE

I58 Inocência, Manuela Alves

A visibilidade transgênero na prática escolar: pensando o mês da visibilidade trans como um projeto pedagógico / Manuela Alves Inocência. – Rio de Janeiro, 2022.

19 f.

Produto educacional apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ensino de Ciências Sociais e Educação Básica) – Colégio Pedro II. Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura.

Orientador: Raquel Simas.

1. Ciências Sociais - Estudo e ensino. 2. Educação básica. 3. Pessoas transgênero - Identidade. 4. Transfobia. 5. Corpo. I. Simas, Raquel. II. Colégio Pedro II. III. Título.

CDD 300

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB7 – 5692.

Manuela Alves Inocência

A VISIBILIDADE TRANSGÊNERO NA PRÁTICA ESCOLAR

Pensando o mês da visibilidade trans como um projeto pedagógico

Produto educacional da Especialização apresentado ao Programa de Especialização em Ciências Sociais e Educação Básica vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ciências Sociais

Aprovado em: 06/04/2022.

Banca Examinadora:

M^a Raquel Simas (Orientador)

ECSEB- Colégio Pedro II

M^a Sara Wagner Pimenta Gonçalves Júnior

FFP-UERJ

M^a Clarissa Tagliari Santos

ECSEB- Colégio Pedro II

RESUMO

O presente trabalho apresenta a discussão sobre a imposição da cisgeneridade em diversos espaços sociais, problematizando o porquê dessa forma de dominação tácita e propondo como alternativa uma prática pedagógica emancipatória que dialogue com o mês da visibilidade trans. A praticidade do trabalho está em se pensar como essas propostas podem de fato ser aplicadas na Educação Básica, levando todo o corpo docente e todos os discentes da instituição a problematizar a cisgeneridade compulsória. O produto educacional vai apresentar a finalidade e a justificativa de se discutir essas questões em todas as fases da vida do estudante, principalmente pelo fato das transgressões à cisgeneridade serem uma realidade em qualquer momento, independente da faixa etária do indivíduo. Através de dados de violência contra essa população, o produto educacional terá sua urgência exposta como prática imprescindível para a escola e principalmente para a vida dos estudantes.

Palavras-chave: Cisgeneridade; corpo; transgeneridade; transgressão; educação.

ABSTRACT

The present work presents the discussion about the imposition of cisgenderity in different social spaces, questioning the reason for this form of tacit domination and proposing as an alternative an emancipatory pedagogical practice that dialogues with the month of trans Visibility. The practicality of the work lies in thinking about how these proposals can actually be applied in basic education, leading the entire faculty and students of the institution to problematize compulsory cisgenderism. The educational product will present the purpose and justification of discussing these issues at all stages of the student's life, mainly because transgressions to cisgenderism are a reality at any time, regardless of the individual's age group. Through data on violence against this population. The educational product will have its urgency exposed as an essential cause for the school and especially for the lives of students.

Keywords: cisgenderness; body; transgenderism; transgression ; education.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANTRA – Associação nacional de travestis e transexuais

IEDE – Instituto Estadual de Diabetes e Endocrinologia Luiz Capriglione

HUPE – Hospital Universitário Pedro Ernesto

LGBTI + - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais e Travestis, Intersexo e outras.

Sumário

1 - Apresentação.....	9 - 10
2- Fundamentações teórico\conceitual.....	11 -15
3 – A visibilidade transgênero na prática escolar: Pensando o Mês da visibilidade trans como um projeto pedagógico.....	16-18
4 - Conclusão\ considerações finais.....	18
5 – Referências bibliográficas.....	19
6 – Anexo.....	20

1 – APRESENTAÇÃO

O produto pedagógico apresenta uma alternativa e uma possibilidade de repensar as formas de dominação implícitas que existem dentro da discussão envolvendo a cisgeneridade compulsória, sendo esta uma forma de imposição tácita que busca naturalizar determinados corpos e expressões de gênero, enquanto coloca outros em uma condição de inferioridade, sob uma noção de não natural.

Pautando-se em reflexões de forma lúdica e didática, o presente trabalho tem por finalidade questionar discentes, docentes e a comunidade em geral sobre as consequências nocivas do determinismo biológico, uma prática que objetiva através de um discurso biologizante, naturalizar determinadas orientações sexuais, identidades de gênero, negando dessa forma todas as outras que transgridem a cisheteronormatividade. Sobre essa questão biologizante, o autor Francisco Leal de Andrade (2011) aponta para a necessidade de uma abordagem mais sócio- cultural no ensino de biologia para desmitificar o discurso determinista que desqualifica por exemplo questões de gênero e raça, sob o pretexto de estar amparado na cientificidade. Dessa forma, é relevante que o produto educacional tenha uma abordagem interdisciplinar dentro da instituição educacional, não se atendo apenas às disciplinas de humanas, mas avançando sobre outras áreas dentro da discussão de gênero e sexualidade, já que não deve ser apenas uma preocupação de pessoa ou um grupo, mas são todos, aqueles que estão envolvidos no processo de transgressão à cisheteronormatividade,sendotransgênero ou não .

A atividade se torna de extrema relevância, principalmente quando nos deparamos com os dados fornecidos pela ANTRA (Associação Nacional de travestis e transexuais), segundo os quais o Brasil desponta como o país que mais mata transexuais no mundo e que só em 2020 foram registrados 175 casos de mortes por transfobia no país. Por esse motivo, faz-se necessário repensar a escola como um local em que essa ótica da violência e da deslegitimaçãoidentitária seja desconstruída, não reafirmada através do ataque explícito pela negação de direitos básicos, como o uso do banheiro e o respeito dos pronomes, até a omissão deliberada da instituição sobre a violência que alunos, alunas e “alunes”, sofrem no cotidiano escolar.

Pensando essas questões, faz-se relevante traçar objetivos reais e concretos para tecer críticas sobre a cisgeneridade compulsória e de como esta dar-se-á em diversos momentos da vida do indivíduo, começando em rituais ditos “necessários” pelos adeptos da ideologia cisgênera, como o chá de revelação, sendo este a maior expressão da delimitação e demarcação do gênero, no qual um corpo já é cercado de expectativas ideológicas muito antes de nascer, sendo qualquer transgressão uma afronta ao ritual e a própria “natureza”.

Na execução do produto pedagógico, serão realizadas palestras, debates e oficinas durante a primeira semana do ano letivo, com duração de cinco dias, no mês subsequente ao dia da Visibilidade trans, 29 de janeiro, mobilizando toda a escola e sendo permitido que qualquer alune participe do evento, acompanhado de seus familiares. Apesar da faixa etária diversa, a transgeneridade será discutida e trabalhada em todas as turmas, inclusive na Educação Infantil, sendo esta feita através de uma abordagem mais voltada para o toque e para o visual, inserindo as crianças em oficinas de artes plásticas e de moda promovidas por pessoas transgênero, permitindo que estas possam transgredir e explorar a multiplicidade de seus corpos. O Ensino Fundamental e Médio poderão participar de oficinas de moda, teatro, além de assistirem palestras sobre a vivência trans e de como esta ainda é marginalizada no país. Além de todas essas possibilidades, serão disponibilizados filmes, documentários e materiais iconográficos, como por exemplo: Maestrina, Garota dinamarquesa Liberdade de gênero e Janaína Dutra - Uma dama de ferro, que tratam da vida trans e como ela é algo tão frequente; expondo figuras de cunho histórico, como Lili Elbe e Xica Manicongo, além de personalidades brasileiras contemporâneas que lutam pelo direito das pessoas transgênero, dentre estas podemos citar: Alicia Kruger e Janaína Dutra. Todo o trabalho será realizado e terá a participação de pessoas transgênero e pessoas cisgênero capacitadas, sendo muitas dessas capacitações feitas com antecedência pelos Centro de Cidadania LGBT da rede municipal, que além de formar os profissionais, também prestará assistência jurídica e gratuita na semana do evento.

2 - FUNDAMENTAÇÕES TEÓRICO-CONCEITUAL

Partindo do questionamento da imposição cisgênera na sociedade, a fundamentação teórica do presente trabalho gira em torno da discussão de gênero e sexualidade. O debate sobre masculinidade hegemônica e a sua forma de dominação tácita na sociedade através de uma vigilância coletiva parte de uma perspectiva Foucaultiana, pensando as microrrelações de poder e o Panóptico dentro da lógica de masculinidade (FOUCAULT, 1987) que podemos relacionar com a transgeneridade, a partir do momento em que há um não reconhecimento de determinados corpos, em função de outros que são tratados como legítimos e “naturais “. Esse processo nega deliberadamente a existência transgênera, fazendo uso de um padrão restritivo de identidade de gênero e orientação sexual. Outro aporte teórico consiste na crítica de Guacira Lopes Louro (2000a) ao determinismo biológico e a reflexão sobre a construção de orientações e identidades de gênero que são vistas como “naturais”. Os textos de Sara Wagner York (2020) tocam na construção identitária trans e de como essa existência se dá também de uma forma política, não apenas social e real. As discussões de Marina Mathey (2021) e seus questionamentos são pertinentes para reflexão sobre a cisgeneridade compulsória e a transfobia institucional.

Compreende-se gênero como uma construção histórica e significativa do poder.

O conceito de gênero é uma construção social, portanto não se apresenta de forma uniforme em todas as épocas e lugares. A relação entre os gêneros são construções históricas, culturais, formuladas a partir das experiências humanas: costumes, leis, religião e política (FERREIRA, 2017, p.3)

A historicidade do conceito de gênero perpassa diversas culturas e grupos sociais, principalmente quando analisadas sob a ótica das relações de poder, no qual, como define a historiadora Joan Scott (1990), o gênero seria uma forma de significação dessa prática impositiva. O gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder. As mudanças na organização das relações sociais correspondem sempre à mudança nas representações de poder, mas a direção da mudança não segue necessariamente um sentido único.

Essa definição de gênero cunhada por Scott traz um ponto em que a perspectiva histórica do conceito é realçada dentro de uma análise mais aprofundada das desigualdades, que não estão apenas “expostas” através de um viés econômico e uma cultura mercadológica.

Na verdade, essas formas de controle dos corpos - que transgridem as normas de gênero e colocam em suspeição o *status quo* - são encontradas em diversas experiências históricas, à esquerda e à direita.

É relevante apontarmos que o debate sobre a transgeneridade e mais especificamente a sua exposição dentro da Educação Básica ainda é um tema considerado “polêmico”, principalmente quando parte dos docentes insistem em negar sistematicamente a diversidade de corpos e suas expressões em sala de aula. Essa anulação corpórea - que atinge docentes e discentes - é perpassada por uma vigilância simbólica e institucional, fazendo uso de dispositivos normativos dentro da escola. O processo de transição, como aponta RaewynConnel (2015), em sua obra *Gênero: Uma perspectiva Global – Compreendendo o gênero - Da esfera pessoal à política – No mundo contemporâneo*, é algo extremamente contraditório, trazendo para pessoas trans consequências e estigmas que os acompanham durante todo o decorrer da vida, sendo essas pessoas reféns de uma violência que por mais que aparente ser algo individual, parte de um conjunto coletivo e institucional. Práticas como a homofobia e também a transfobia surgem como fenômenos sociais que basicamente remetem ao panoptismo - uma percepção foucaultiana de domesticação dos corpos a partir da interiorização da vigilância - que encontra forte relação com a pedagogia do armário (JUNQUEIRA, 2013) e a sua noção de silenciamento de qualquer transgressão às normas de gênero, objetivando apenas permitir aquilo que consideram aceitável, sob um verniz de “naturalidade”.

O panoptismo de Michel Foucault (1987) ilustra bem a percepção de um controle e uma vigilância constante nesse processo de domesticação dos corpos, no qual a simbólica masculinidade é aplicada sob um viés coercitivo e doutrinador, chegando ao momento em que a vigilância de todos sobre todos é alcançada na espécie de microrrelações, em que a masculinidade simbólica prevalece como uma forma de controle coletivo. A noção do panóptico expõe determinados controles sobre os corpos que definem comportamentos que serão aceitáveis e inaceitáveis. Essa percepção de um controle tácito, essa vigilância, acaba definindo uma masculinidade restrita e hegemônica sobre qualquer identidade transgressora da cisheteronormatividade. Dessa forma, suas contribuições servem para expor esse processo de vigilância e controle dos corpos nas instituições disciplinares, como a escola.

A vigilância acaba atingindo não só aqueles que estão à margem da sociedade, em seus estigmas históricos - mulheres, negros e a comunidade LGBTQIA + - mas trata de domesticar e doutrinara todos aqueles que buscam questionar a dita normalidade do corpo. A

seguir um depoimento marcante no qual uma travesti é hostilizada pela diretora de uma escola:

Com 18 anos, ia começar um curso em uma escola estadual que aceitava pessoas da comunidade. Fiz minha inscrição e comecei o curso de italiano. Estava muito feliz porque sou descendente de italianos e tinha a chance de ter cidadania italiana. E já pensou eu poder ir morar na Itália? Seria um luxo! Na segunda semana, uma funcionária [...] disse que eu deveria esperar na entrada, que a diretora queria falar comigo. Fiquei ali por uma meia hora e só depois [ela] me levou até a diretora, que estava no computador e nem me olhou na cara, dizendo: 'Então você resolveu se sentir gente? Com a vida que leva, você acha que pode frequentar lugares de gente de bem? Mas é muito atrevido mesmo! Você quer desmoralizar a minha escola? Quer sujar o nome da escola? Saia imediatamente daqui ou terei que chamar a polícia!'. Lara, travesti. (PERES, 2009, p. 248 *apud* JUNQUEIRA, 2013, P.481).

O processo de desvalorização e deslegitimação dos corpos surge no momento em que uma identidade, orientação sexual ou performance de gênero é vilipendiada, através de um discurso que reconhece apenas uma percepção binária de homem e mulher, no qual qualquer outra orientação sexual e de gênero é vista apenas como uma escolha que pode ser “consertada”, reparada, uma espécie de desvio da natureza. Este determinismo biológico é rechaçado quando pensamos em diversas imposições externas e a extensiva preocupação da sociedade em reafirmar o conceito homem\mulher, além, claro da preocupação e vigilância constante com qualquer possível desvio de performances de gênero padrões.

A preocupação e a necessidade da reafirmação da heterossexualidade talvez seja o maior dos exemplos para atestar a construção social da mesma, afastando esse caráter “biológico” e “científico” que determinados grupos usam para atacar outras expressões de gênero e orientações sexuais. Mas a construção dessa identidade necessita de um outro para segregar e dessa forma reafirmar a sua própria identidade, no qual aqueles que estão marcados com normas “inaceitáveis” serão colocados em um lugar inferior na sociedade - mulheres e negros - ou em um não lugar - gays, lésbicas, travestis e homens trans - sendo portanto vítimas de coerção social e institucional.

Em nossa sociedade, a norma que se estabelece, historicamente, remete ao homem branco, heterossexual, de classe média urbana e cristão e essa passa a ser a referência que não precisa mais ser nomeada. Serão os “outros” sujeitos sociais que se tornarão “marcados”, que se definirão e serão denominados a partir dessa referência. Desta forma, a mulher é representada como “o segundo sexo” e gays e lésbicas são descritos como desviantes da norma heterossexual. (LOURO, 2000b)

Essas atribuições de diferenças, que partem de uma perspectiva de negação do outro colocando o mesmo em uma condição de anormalidade, servem para tornar legítima a violência direta e institucional contra essa população. Neste sentido, não apenas ignora a multiplicidade de identidades, mas também impossibilita pensar o caráter histórico que apresenta a polissemia do significado de ser homem e mulher, para além de uma concepção binária e heteronormativa.

As contribuições de Guacira Lopes Louro (2000a) sobre a construção de identidades que sob o olhar do senso comum são vistas como naturais, proporcionam a discentes e docentes um olhar mais crítico sobre esse processo de naturalização, além de fomentar o questionamento de identidades, comportamentos e orientações hegemônicas

Sara Wagner York (2020), em seu texto “Manifestações textuais insubmissas (travestis)”, aponta a construção identitária travesti em sua forma real, política e social. A exposição dessa tríade identitária proporciona a mulheres e trans e travestis refletirem sobre o nosso lugar no mundo e de como é um processo doloroso e extremamente reivindicatório, sendo essa reivindicação na representação política uma possibilidade para que essas alunas possam de fato compreender seus direitos e lutar por eles, contra todas as previsões pessimistas do “cistema”.

Marina Mathey (2021) questiona a imposição cisgênera durante a prática ritualística conhecida como chá de revelação. Em seu texto, a autora vai analisar como esse ritual representa nada mais do que a definição e a imposição cisgênera em seres que ainda nem vieram a nascer. Essa percepção nega toda uma multiplicidade de identidades trans e as coloca em uma condição de escola subjetiva, já que o único modelo aceito é o cisheteronormativo. A contribuição de Marina Mathey serve para que alunos, alunas e alunes possam questionar os padrões impostos dentro da instituição familiar e os significados discursivos desses e outros eventos que objetivam justificar e endossar, como chama a autora, a verdadeira ideologia de gênero: a ideologia cisgênero.

Pensando nas perspectivas dos autores citados, a fundamentação do produto terá coesão quando as questões do corpo forem expostas através do controle e a coerção que determinadas expressões, performances, identidades e orientações sofrem diariamente através de uma violência institucional. Essa violência e discurso abrangem não apenas os grupos que carregam os estigmas históricos do preconceito e da marginalização, já que as práticas odiosas com base na diferenciação e segregação de gênero agem como um fenômeno social,

(JUNQUEIRA, 2013). Dessa forma, atingem não apenas os grupos que estão à margem da sociedade cisgênero heteronormativa - um conjunto de disposições (discursos, valores, práticas) por meio das quais a heterossexualidade é instituída e vivenciada como única possibilidade natural e legítima de expressão (JUNQUEIRA, 2013) - mas também todos os outros através de um processo de controle de ser, em um modelo muito rígido de como agir nessa sociedade, sendo extremamente vigiados todos aqueles que fogem ao que é considerado “aceitável” e “natural”.

Essas noções teóricas servirão de base para fazer o docente pensar, através de práticas lúdicas, como essa identidade vista como “natural” sob o viés “biológico” é pautada na construção social, no qual existe um esforço hercúleo para que qualquer identidade e orientação que fuja à ideologia cisgênera heteronormativa, seja vista como anormal e inaceitável.

3 – A VISIBILIDADE TRANSGÊNERO NA PRÁTICA ESCOLAR: PENSANDO O MÊS DA VISIBILIDADE TRANS COMO UM PROJETO PEDAGÓGICO.

A cisgeneridade como a verdadeira ideologia de gênero como tema do produto educacional a ser trabalhado dentro das discussões envolvendo a Visibilidade trans, será feita na primeira semana do ano letivo, no mês subsequente ao da Visibilidade trans, sendo que cada dia terá uma série de atividades a serem realizadas na instituição educacional, desde oficinas de teatro, dança, música, poesia, artes plásticas, até palestras e a exibição de filmes e documentários que abordem às vivências trans, como a Garota Dinamarquesa , Alice Júnior, Pose e Liberdade de gênero, produções que abordam o existir transgênero.

Todo o evento será feito de forma coletiva, contando com a participação dos profissionais da instituição educacional, além de ONGS (Organizações não governamentais) e os próprios Centros de Cidadania LGBTI da respectiva rede municipal. Sobre os Centros de Cidadania, faz-se necessário apontar a sua relevância para promover capacitações dos docentes cisgênero da escola e todo o corpo de funcionários e pais de alunos, levando em conta que a partir dessas capacitações, certos preconceitos serão combatidos através do ensinamento e o esclarecimento da vivência trans. Além disso também será disponibilizado na semana do evento, assistência jurídica e psicológica para alunos e professores, atendendo todas as demandas da psicologia , mas com foco especial nas questões do movimento LGBTI+, enquanto a assistência jurídica vai estar voltada apenas para a retificação de nome, e para o recebimento de denúncias de homofobia/transfobia.

As formações do Centro de Cidadania também vão tratar de elucidar dúvidas de alunos, pais e funcionários sobre o processo de hormonização pelo Sistema Único de Saúde, tratando de explicar como ter acesso às unidades de referência no estado do Rio de Janeiro, que são o IEDE (Instituto Estadual de Diabetes e Endocrinologia Luiz Capriglione) e o HUPE (Hospital Universitário Pedro Ernesto), tudo como medida para tentar diminuir a ignorância da temática e buscar acolher todas as pessoas que estão interessadas em iniciar o tratamento. A formação será feita de forma interdisciplinar, buscando dialogar com diversas disciplinas, não apenas aquelas das áreas de humanidades, para discutir as questões de gênero, principalmente sobre o uso profícuo dos pronomes e a variação linguística, em língua portuguesa, além da existência de um gênero além binária, na área de ciências biológicas.

A ideia é que o evento seja aberto para qualquer pessoa que tenha interesse, sendo dada prioridade aos discentes e aos municípios da região, no entanto, não existindo superlotação, qualquer pessoa é bem-vinda a participar e aprender sobre a importância da visibilidade trans. Pesquisadoras como a professora Sara Wagner York e personalidades, como Benny Briolly, serão convidadas para palestrar no evento, além de membros dos Centros de Cidadania. Também será possível encontrar rodas de conversas com mulheres trans, homens trans, pessoas não binárias, - sendo a não binariedade uma identidade trans que está para além das definições de masculino e feminino, não sendo enquadrada e definida como oposto do gênero de nascimento, mas algo diferente dos dois, e de gênero fluído, a fim de realizar uma troca de conhecimento mesmo dentro do próprio movimento LGBTI+. Dessa forma será possível desconstruir as percepções de que os únicos locais em que a população transgênera habita são o da violência, da marginalidade e da prostituição. Pensar personalidades como Benny Briolly, Linda Brasil, Erika Hilton, torna-se imprescindível para evidenciar que a transfobia não é algo que não possa ser superado.

A atividade vai ser realizada no mês subsequente àquele que trata da visibilidade trans, levando em conta que a data - 29 de janeiro - é anterior ao período de início do ano escolar. O projeto vai abranger toda a escola, alterando a abordagem de acordo com cada nível escolar, e terá o período de duração de cinco dias. Os conteúdos serão trabalhados e desenvolvidos de forma equânime, em uma prática interdisciplinar, não apenas com disciplinas de humanas, focando também na área de língua portuguesa sobre a variação linguística e o uso de pronomes e a biologia para desmistificar a noção binária homem\mulher. Dentro desse processo de desmitificação serão usados os textos da colunista Marina Mathey, fazendo uso de interpelações com os discentes a respeito do que estes entendem como “natural” e comum sendo. As atividades serão feitas com abordagens diferenciadas, sendo estas aquelas que vão desde o trabalho com textos, palestras, oficinas de teatro e moda, até o uso de filmes que tratem da transgeneridade como algo comum e frequente. A mediação do tema requer uma leitura pregressa dos docentes, principalmente aqueles que não têm a vivência transgênera, sendo de extrema relevância que estes, além de acessar a bibliografia que será disponibilizada no final do trabalho, também participem das capacitações com professores e funcionários da instituição, produto, busquem dialogar com essas pessoas, visitando os Centros LGBTI+ de seus respectivos municípios, a fim de obter uma sensibilidade maior sobre essa realidade.

Os profissionais da escola, principalmente aqueles que são cisgênero, serão capacitados antes do evento para que possam ter o mínimo de base e “vivência” sobre a existência trans. Essa formação será realizada pelos Centros de Cidadania LGBTI +, através de rodas de conversas e cursos de meio período, que levem em conta as atividades laborais dos professores e suas especificidades, podendo os assuntos da semana serem discutido durante as reuniões de planejamento escolar ou outra forma que esteja acessível aos professores.

4 – CONCLUSÕES/ CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de vivermos em um país democrático, ainda estamos infelizmente em um cenário em que a própria identidade é um risco de vida, quando falamos de indígenas, pessoas pretas e pessoas LGBTI +. O Brasil é considerado o país que mais mata travestis e transexuais no mundo, o que torna necessário que essas discussões sejam feitas e que a escola se coloque contrária às violências de gênero em todos os momentos, já que não é possível falar em direitos e garantias individuais quando determinados grupos têm pouco ou quase nada. Essa atividade pode parecer ter um caráter utópico,¹ mas surge como uma tentativa, sendo de fato, para tentar fazer algo para irmos além do que a incúria estatal permite e deixarmos de sermos vítimas do “cistema”.

Lembrando sempre que a realização da atividade não é o único trabalho, é necessário avançar, ir além do que se espera, ocupar os espaços, falar de nossa vida, de nosso amor, reverter através da educação esse quadro tão nefasto de transfobia que nos aflige, sendo essa por sua vez uma contradição em um país “constitucionalmente” democrático. O ir além nesse sentido se trata de ocupar os espaços em que não somos aceites, requerer nossos direitos, lutar por eles, como corpos políticos, fazendo uso de uma identidade política, e é nessa busca identitária que nós estamos diariamente: Pelo direito de existir.

Espera-se que com a conclusão da atividade, alunes, professores, pais e a comunidade em geral possam discernir e ter um olhar mais humanizado sobre a vida transgênero. Que mulheres trans não sejam vistas sob a ótica do abuso e do fetiche, que homens trans masculinos tenham seus direitos reprodutivos respeitados e que isso não afete o seu nome social, que falar de crianças trans não seja um tabu, mas uma demanda urgente para receberem assistência e proteção.

¹

5 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Francisco Leal de. Determinismo Biológico e Questões de Gênero: representações e práticas de docentes do Ensino Médio / Francisco Leal de Andrade. – 2011.
- CONNELL, Raewyn. Gênero uma perspectiva global \ Raewyn Conell , Rebecca Pearse: tradução e revisão técnica Marília Muschkovich – São Paulo, n Versos ,2015.
- FERREIRA, Edna. A construção histórica das relações de gênero na história e nas leis civis no Brasil : Congresso internacional de história XIII semana de história., 2017
- JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Pedagogia do armário - A normatividade em ação. Revista Retratos da escola, Brasília. v. 7 , n .13 , p 481 -498 , jul\dez.2013
- FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: nascimento da prisão; tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis, Vozes, 1987. 288p.
- LOPES, Guacira Lopes. O corpo educado. Pedagogias da sexualidade \ Guacira Lopes Louro – Belo Horizonte, Rio de Janeiro : Autêntica, 2000a
- _____. Corpo, escola e identidade. Educação & Realidade.Porto Alegre v.25 n.2 p.59-75 jul./dez. 2000b. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/46833/29119>> Acesso em 27 de dezembro de 2021.
- MATHEY, Marina. 2021. Chá de revelação: Sabor de transfobia com aromas genitais. Uol. 10\11\2021
- SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação e Realidade, vol. 16, no 2, Porto Alegre, jul./dez. 1990, p.5.
- YORK, Sara Wagner \Gonçalves\ Junior , Sara Wagner Pimenta: OLIVEIRA, MeggRayara Gomes : BENEVIDES, Bruna. Manifestações textuais (insubmissas) travestis. Revista Estudos Feministas , Florianópolis , v.28, n. 3, e 75614, 2020

ANEXO I

Tabela I: Roteiro de observação de filmes

1. Nome, autor, período em que foi produzido, gênero;
2. A temática básica do filme e outros temas sociais observados;
3. Especificação do tempo e do espaço em que ocorre a trama;
4. A fala dos personagens principais/o que pensam/o que traduzem;
5. Imagens mais importantes;
6. Costumes da época/cultura/valores/ contexto social;
7. Identificação e questionamento das ideias e valores passados pelo filme;
8. Semelhanças e diferenças do período apresentado com a realidade atual;
9. Críticas e observações sobre a trama do filme/ a realidade mostrada;
10. Relação entre o filme e os conteúdos sociológicos aprendidos;

Fonte: SILVA, Josefa Alexandrina da. Metodologia do Ensino aplicada às Ciências Sociais. São Paulo: Editora Sol, 2015. p. 87.

1. Alice Júnior, Gil Baroni, 2019, comédia;
2. A vivência transgênera na adolescência, mais especificamente de uma mulher trans
3. Século XXI, Brasil
4. “Você não parece ser trans”
5. Cenas do uso do nome social e acesso ao banheiro
6. Transfobia sendo usada sob a justificativa de preceitos religiosos
7. Conflitos entre estudantes e opressão do meio institucional, escola.
8. Obra contemporânea que evidencia através de uma linguagem lúdica, o existir transgênero na adolescência.
9. Temática complexa sendo exposta de forma didática em uma trama adolescente
10. O filme questiona a cisgeneridade compulsória e expõe a ideologia cisgênero para além de conflitos subjetivos, como algo institucional